

Ogiva, Galeria em Óbidos, 1970-1974*

João B. Serra

[*21 Anos, Pela História: Caldas da Rainha, Estudos, Notas e Documentos*. Caldas da Rainha, Património Histórico, 2003. p. 565]

A pequena vila de Óbidos acolheu, em 1970, um dos mais interessantes projectos de intervenção artística e cultural da época, a *Ogiva*. Foi seu principal animador o escultor José Aurélio (viera para as Caldas da Rainha em 1959, atraído pela cerâmica, integrando os quadros de direcção artística da Secla). Aurélio suscitou o acompanhamento do projecto por um grupo de artistas, um conselho cultural informal, constituído por Rogério Ribeiro, Eduardo Nery, Espiga Pinto, Areal, Helena Almeida, Artur Rosa e Manuel Baptista.

A Ogiva era em primeiro lugar uma galeria de arte, situada num edifício da Rua Direita da vila, cujo espaço interior, de 3 pisos, foi aberto e recriado expressamente por Aurélio. Mas, além de exposições de pintura, escultura e desenho, individuais e colectivas, a Ogiva promoveu audições musicais, nas quais participaram, entre outros, Jorge Peixinho, António Victorino de Almeida, Olga Pratts, Maria João Pires. Finalmente, a Ogiva funcionou como centro de troca de ideias e debates, tertúlia de uma geração de criadores multidisciplinares.

Entre as iniciativas que promoveu, importa destacar, pelo impacte que logrou tanto na valorização do património histórico artístico como na projecção da vanguarda estética, a

* Nota destinada a figurar numa exposição que documentava a obra do escultor José Aurélio na região.

exposição dedicada a Josefa de Óbidos. A par de uma recolha de obras daquela pintora obidense do século XVII, a exposição incluía um notável conjunto de propostas plásticas contemporâneas glosando ou reinterpretando temas do “tenebrismo” seiscentista.

A Galeria beneficiou do elan gerado pelo dinamismo generoso do seu proprietário e pela disponibilidade de um conjunto de nomes marcantes da geração de que ele fazia parte e que soube congregar. Óbidos, centro emblemático do património do Oeste, podia tornar-se um ponto de referência da inovação artística, acreditou Aurélio, polarizando uma atenção nacional e o interesse dos meios cultos da região. Mas, em Janeiro de 1974, a Ogiva encerrou a sua actividade, certamente porque o contraciclo económico e financeiro em que surgiu não pôde ser contrariado e, conseqüentemente, a curiosidade intelectual que as intervenções na Ogiva despertara não teve tempo de dar origem a um mercado regional sólido. Apesar da qualidade do projecto, não foi possível inscrever Óbidos no itinerário do mercado de arte nacional dos primeiros anos da década de 70.

A Ogiva foi no entanto um polo agregador de importantes propostas artísticas comprometidas com o combate pela liberdade e representou uma das mais ricas experiências de autêntica e qualificada descentralização cultural surgidas antes do 25 de Abril.